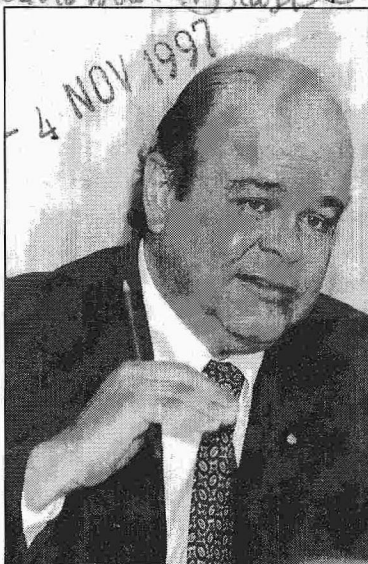


Ministros devem atuar em harmonia

Esgotados os recursos de política monetária, com o aumento dos juros, o governo vai investir agora em duas frentes para recuperar a confiança do investidor estrangeiro na economia brasileira e estancar a saída de capitais internacionais do País que se verificou nos últimos dias. Uma ação rápida e eficaz no Congresso para acelerar a votação das reformas, introduzindo agora também a reforma tributária concebida pelo secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente. E uma segunda frente na área fiscal, através de um conjunto de ações que implicam não apenas em corte de gastos públicos, mas uma mudança de postura da equipe de governo em que os ministros atuem em harmonia com um regime fiscal austero e parem de contestar em público suas discordâncias com a rigidez das contas públicas.

Com o objetivo de atrair o interesse do investidor estrangeiro, o Banco Central iniciou ontem uma série de teleconferências através das quais um diretor do BC se comunica com executivos financeiros dos Estados Unidos, Europa e Ásia, através de uma rede de linhas telefônicas. O diretor de Política Monetária do BC, Francisco Lopes, que inaugurou ontem esse diálogo, ficou satisfeito com o resultado. "Levando em conta que foi organizada em um dia apenas, a procura de investidores foi muito boa e reflete enorme interesse pelo Brasil". O Banco Bozzano, Simonsen, que organizou a teleconferência, recebeu pedidos de linhas telefônicas



Lopes: interesse pelo Brasil

de aproximadamente 300 executivos estrangeiros. Hoje será a vez do diretor da área externa do BC, Demóstenes Madureira Pinho.

Compromisso - Como Chico Lopes, Demóstenes Madureira Pinho irá enfatizar o compromisso do Governo brasileiro em fazer avançar as reformas no Congresso e uma ação séria e rigorosa na área fiscal. "Direi a eles que as reformas serão votadas até o final do ano e que na área fiscal os progressos obtidos até agora serão aprofundados", adiantou.

Os dois mostravam satisfação com o comportamento dos mercados ontem, no Brasil e no exterior. Mais eufórico, Chico Lopes confia que a turbulência está chegando ao fim e que as bolsas de valores no Brasil continuarão subindo hoje, enquanto o diretor da área externa acha que a crise ainda vai durar algum tempo e que a alta de quase 10% na Bovespa não é um bom indício de estabilidade. "Aumentou muito, podia ser um pouco menos".

BC pressiona para aprovar reformas

O Banco Central, adiantou uma alta fonte do Governo, só começará a considerar a possibilidade de reduzir, e de forma muito gradual, as taxas de juros - que foram praticamente dobradas na semana passada - quando tiver sinais concretos de que o Congresso vai aprovar efetivamente as reformas da Previdência Social e Administrativa. Técnicos do Tesouro Nacional já esmiuçavam, ontem, onde passar a tesoura nos gastos dos ministérios.

De antemão, os cortes podem começar por despesas com construção de açudes no Nordeste, preservação de estradas, além de gastos na área social. Há, também, uma lista de medidas que estão na Casa Civil da Presidência da República, que seriam deixadas para o ano que vem, mas serão acionadas agora como demonstração de que o governo não está imobilizado.

Ajuste - São medidas anunciadas no passado, engavetadas nos últimos meses, mas que passam a representar uma ação fiscal de emergência, tais como: demissão de parte dos 70 mil funcionários públicos que não têm estabilidade; a extinção de uma dezena de empresas estatais desnecessárias, entre outras. O ajuste fiscal mais duro, que o governo pretendia deixar para depois das eleições, passou a ser prioridade máxima.

A crise financeira que abalou os mercados internacionais nos últimos dez dias também sacudiu a agenda política do Governo. "Enquanto tudo parecia dar certo, não havia entusiasmo nem mesmo dentro do governo com a aprovação das reformas". Agora, disse uma alta fonte do Banco Central, "temos uma oportunidade importante para tomar essas decisões na área fiscal".